

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)


Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO	
Priscila Freire Rodrigues	
Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES	
Michelle dos Santos Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO	
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
João Carlos de Aquino Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO	
Vinicius Luis Pires Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”	
Bolají Alves Matos de Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO	
Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro	
Fábio Lopes de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL	
Kayo Henrique Duarte Gameleira	
Thallys Emanoell Pimenta de Freitas	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airtton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR	260
ÍNDICE REMISSIVO	261

GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS

Data de aceite: 01/10/2020

Data de Submissão: 03/07/2020

Maria Pricila Miranda dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco

Recife - Pernambuco

<http://lattes.cnpq.br/7277360629191060>

RESUMO: As questões que envolvem o negro no Brasil são historicamente conhecidas e sempre foram alvos de discussões em diversos temas e circunstâncias. Reforça-se a esta temática os territórios quilombolas, uma das formas mais antigas de organização social brasileira, símbolo de resistência ao colonialismo. Este artigo procura ressaltar de que forma a geografia tem a contribuir para que o debate acerca das questões territoriais referente aos quilombolas e de como o conceito de território auxilia na construção da identidade das comunidades. Também busca combater as formas estereotipadas buscando dar maior visibilidade às questões quilombolas.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo, Território, Geografia.

GEOGRAPHY, TERRITORY AND KILOMBOS: THE CHALLENGES IN THE DEBATE OF KILOMBY REMAINING COMMUNITIES

ABSTRACT: The issues surrounding the Negro in Brazil are historically known and have always been the subject of discussions on various themes and circumstances. The quilombola

territories, one of the oldest forms of Brazilian social organization, symbol of resistance to colonialism, are reinforced to this theme. This article tries to highlight how geography has to contribute to the debate about the territorial issues related to quilombolas and how the concept of territory assists in the construction of the identity of the communities. It also seeks to combat stereotyped forms in order to give greater visibility to quilombola issues.

KEYWORDS: Quilombo, Territory, Geography.

1 | INTRODUÇÃO

Um dos principais motivos que levaram à construção deste artigo é procurar trazer uma contribuição geográfica para amenizar o déficit de trabalhos acadêmicos acerca do tema ou até mesmo a falta de conhecimento de estudos geográficos que tratam sobre questões étnicas:

A geografia do Brasil [...] não comportava nem a idéia do negro enquanto ente social, e nem das relações raciais enquanto constituintes de nossa estrutura social que grafa o espaço e produz geografias (SANTOS, 2007, p.14).

No entanto, ainda sob esta perspectiva geográfica e sua contribuição

[...] Pensamos que o entendimento da questão racial brasileira é algo pendente e a geografia pode auxiliar na análise

dessa problemática ao lado de diversas áreas, como a Sociologia, Antropologia, História e a Psicologia Social, a fim de constituir referenciais teóricos e metodológicos que permitam apreender os fenômenos sociais contemporâneos (CARRIL, 2006, p.33).

A relevância dessa discussão possibilita analisar ou mesmo expor registros sobre questões étnicas- territoriais numa abordagem geográfica. Para entender tal dinâmica faz-se necessário explorar o conceito de território para melhor compreender a construção da identidade de um grupo.

As questões que envolvem o negro no Brasil são historicamente conhecidas e sempre foram alvos de discussões em diversos temas e circunstâncias. Reforça-se a esta temática os territórios quilombolas, uma das formas mais antigas de organização social brasileira, símbolo de resistência ao colonialismo. Este artigo procura ressaltar de que forma a geografia tem a contribuir para que o debate acerca das questões territoriais referente aos quilombolas e de como o conceito de território auxilia na construção da identidade das comunidades. Também busca combater as formas estereotipadas buscando dar maior visibilidade às questões quilombolas.

É importante enfatizar a importância de trazer este debate sobre as comunidades quilombolas, já que este segmento do campesinato brasileiro que procura viver de modo tradicional é atual e conquistou seu reconhecimento. Que além de camponeses negros se encontraram enquanto quilombolas e mantém uma visão particular de mundo estabelecendo relações intrínsecas com o território.

Portanto é de extrema importância abordar o conceito de território e buscar compreendê-lo como produto das relações sociais que se estabelecem no espaço ao longo do tempo e mostrar de que forma este conceito se constitui como elemento definidor da identidade. Neste sentido a geografia nos brinda com o embasamento teórico e ao mesmo tempo nos desafia a traduzir a construção do território e de uma identidade.

2 | A GEOGRAFIA E OS DESAFIOS DE PENSAR O CONTEXTO QUILOMBOLA

A geografia ganha destaque enquanto ciência pela possibilidade que oferece à interdisciplinaridade, ou seja, é um campo de saber marcado pela heterogeneidade de debates e de conceitos. Pode-se considerar a geografia como uma ciência de fundamental importância para de início relatar e em seguida entender toda a transformação no espaço, ou como diria Anjos (2006) “não só apontar, mas dar explicações para as transformações territoriais e levantar possíveis soluções para melhor organizar o espaço”.

Assim, os estudos sobre quilombos tornam-se um desafio à inserção e entrelaçamento dos conceitos da geografia, mas seria mesmo um desafio? Para responder tal questionamento voltaremos o olhar de forma mais específica para a contribuição da geografia, autores como Anjos (2006) e Carril (2006) enfatizam como é interessante para disciplina considerar as representações e relações humanas, bem como a materialidade

das ações e das formas de organização. Este pensar fornece o embasamento que serve para a análise da realidade dos territórios de comunidades remanescentes de quilombos numa perspectiva geográfica, uma vez que as características expressas pela identidade deste povo funcionam como um elemento que define o território.

Ainda analisando o caráter interdisciplinar, a geografia também se apresenta de forma tímida no que diz respeito aos trabalhos acadêmicos acerca do tema Comunidades Remanescentes de quilombos. Geralmente o estudo dessas comunidades é atrelado à História, Psicologia Social, Antropologia, dentre outros campos das ciências sejam elas sociais ou humanas.

As várias áreas vêm contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre a “formação dos quilombos, não mais como marginalizados social e economicamente” (CARRIL, 2006). É importante enfatizar que o quilombo não é algo pertencente ao passado, como algo episódico e sim dotado de participação no contexto social dos dias atuais.

A geografia também tem a sua importância no sentido de auxiliar no desvendar desses estereótipos uma vez que se constitui como instrumento essencial na releitura das dimensões espaciais das relações étnicas da sociedade. Pode-se dizer principalmente no que diz respeito ao território, às suas características e aos diferentes grupos que o compõe e que possibilita apontar múltiplas faces de uma parcela do espaço, que neste caso é das comunidades quilombolas e que auxilia na temática pluralidade cultural que nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia traz:

Destaca-se no campo da educação brasileira, um trabalho que busca explicar entender e conviver com procedimentos técnicos e habilidades desenvolvidas no entorno sociocultural próprio de certos grupos sociais, como as produções das culturas indígenas e negras brasileiras (PCN Geografia, p.44-45).

Seguindo numa abordagem geográfica busca-se aprofundar o termo quilombo que se origina na língua banto e se aproxima de termos como: habitação, floresta e guerreiro (ANJOS, 2006). Por ser uma das mais antigas formas de organização social, o quilombo remete a uma forma de rejeição aos confrontos do sistema escravista. Significava, e ainda hoje o é, um refúgio na busca por proteção e por igualdade de condições de vida e de acesso a terra.

Analisando esta questão, Cruz (2007) chama atenção que

As populações “tradicionais” se organizam, ganhando visibilidade e protagonismo, se constituindo e afirmando como sujeitos políticos na luta pelo exercício ou mesmo pela invenção de direitos a partir de suas territorialidades e identidades territoriais. (CRUZ, 2007, p.94).

Um outro fato digno de nota é o fato de ligar o quilombo ao isolamento. As terras de quilombo foram conquistadas a partir de diversas formas de resistência e também por meio de heranças e doações, como pagamento por serviços prestados ao Estado brasileiro.

Analisando por esta vertente o Programa Brasil Quilombola (relatório de 2004) tece algumas observações alegando que esta falsa ideia (isolamento) decorreu do fato das comunidades terem permanecido isoladas durante parte do século passado:

Foi uma estratégia intencional que garantiu a sua sobrevivência como um grupo organizado com tradições e relações territoriais próprias e, por conseguinte, com direito a ser respeitado nas suas especificidades, as quais foram significativas para a construção e atualização de sua identidade étnica, cultural, reprodução física e social (PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, 2004).

A questão do isolamento não deve ser atrelada às Comunidades Quilombolas atuais pois estas se colocam de maneira atuante no cenário político, tecem suas territorialidades e não estão limitadas somente ao seu território (aquele considerado demarcado). As comunidades estabelecem a partir do uso do seu território relações com os chamados espaços da globalização onde existem, de certa forma, espaços da exclusão ou espaços fragmentados.

Ao fato errôneo de serem limitados somente ao território os quilombos alcançaram a condição de mito para a sociedade brasileira. No entanto, acompanhado o aparecimento político de grupos negros rurais de Norte a Sul do País, estudiosos de diversas áreas demonstram a variada constituição de territórios negros, nos mais diferentes lugares, e com muitas diferenças entre si, seja na forma de aquisição da terra ou na tradição.

Na busca de ampliar os horizontes e de fugir das concepções restritivas de quilombo que o consideram uma unidade territorial isolada, alguns estudiosos caracterizam a formação de comunidades ligadas às relações sociais, notadamente de trocas entre os quilombolas e a sociedade escravista. Portanto ressalta-se o fato de buscar a atualização do conceito de quilombo levando em consideração os aspectos atuais para que não se perca o fio condutor na construção da identidade.

Atualmente é notório perceber que as comunidades se colocam como efetivamente participantes no processo de reconhecimento identitário e territorial, surgindo e renovando os conflitos sociais. Carril (2006) ao analisar a situação atual dos quilombos rurais coloca que

A situação dos quilombos impõe questões ao problema da identidade, porque, em primeiro lugar, o quilombo rural traduz sua luta pela terra e também pela especificidade étnica, tanto vinculada ao direito territorial como calcada sobre a ancestralidade buscada na origem da conquista da terra (CARRIL, 2006, p.68).

Ainda tratando sobre a construção da identidade quilombola muitas são as denominações das comunidades quilombolas: Remanescentes de quilombos, Comunidades Negras Rurais, Territórios quilombolas, Terras de Pretos, entre outras. É válido ressaltar que essas denominações tratam de um mesmo tema e se apresentam perante pontos de

vista diferentes.

Segundo Almeida (1988), as terras de Pretos são conceituadas levando-se em consideração a auto definição dos habitantes locais, a autonomia do grupo social, o modo de apropriação e uso dos recursos naturais disponíveis. Esta denominação é usada de forma comum no Maranhão onde os habitantes de referem aos seus territórios com o sufixo “os pretos” após o nome das comunidades. É comumente encontrado por exemplo: Cajueiro dos Pretos (Alcântara - MA), São Sebastião dos Pretos (Bacabal – MA), Santa Maria dos Pretos, Santa Rosa dos Pretos, Santana dos Pretos, Mandacaru dos Pretos, Pitoró dos Pretos, dentre outras.

Esta denominação “Terra de Pretos”, quando utilizada para se referir às comunidades quilombolas em geral é interpretada como um espaço utilizado predominantemente por negros e que encontra respaldo histórico. A esse respeito Anjos (2006) acrescenta:

Vistos como um processo territorial, apresentam as seguintes características: eram de uma instância concreta do espaço geográfico que expressava a luta de classes no sistema escravista; constituíam um território de recriação da cultura e da forma de viver africana; possuíam uma população heterogênea, na maioria de ascendência africana, mas contavam também com a presença de populações indígenas, mulatos e descendentes de europeus que se sentiam excluídos da sociedade; eram locais de difícil acesso, mas dotados de áreas férteis apropriadas para o cultivo para a caça e a pesca; a terra era sagrada e constituía uma propriedade comum, coletiva (ANJOS, 2006 p.49).

Corroborando com o exposto acima Porto- Gonçalves (2009) diz que:

Quilombo não é lugar exclusivamente de negros e sim predominantemente de negros. Acrescenta ainda que ao quilombo aglomeravam-se todos os pobres que queriam se refugiar e tinha lugar para fazer certas práticas.¹

Observando atentamente às denominações pode-se afirmar que algumas privilegiam o indivíduo (Remanescente de quilombos) enquanto outras priorizam o grupo étnico (Territórios quilombolas). Ampliando a análise pode-se dizer que algumas denominações dão o caráter antropológico (Comunidades Negras Rurais) e outras dão o caráter geográfico (Territórios quilombolas, Terras de Pretos).

Para não perder de vista a organização quilombola e a formação territorial brasileira, pode-se dizer que os territórios dos quilombos irão se configurar como um fator espacial bastante expressivo, presente em todo o território nacional, onde se agrupavam principalmente negros, mas que acolhiam também indígenas e brancos excluídos do sistema escravista e quem buscava a reafirmação cultural. Lembrando que essas denominações, por mais diversas que pareçam ser, referem-se aos grupos com inestimáveis contribuições culturais, que carregam consigo as tradições procedentes da África no tocante à agricultura, as relações com a terra, a religiosidade, bem como a heterogeneidade que também se

1 Extraído da Mesa Redonda: A Complexificação da Questão (da Reforma) Agrária na América Latina Hoje: novos protagonistas, novos temas, novos problemas. Dentre os conferencistas, o professor Carlos Walter Porto-Gonçalves. IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária, V Simpósio Nacional de Geografia Agrária (2009)

apresenta como uma marca. Tratar a heterogeneidade é um risco, principalmente em se tratando da diversidade cultural do Brasil.

Anjos (2006) relata que são várias as questões relacionadas à cultura brasileira que merecem investigação e que ainda há o esquecimento das comunidades remanescentes de antigos quilombos ou dos sítios geográficos onde os negros se rebelavam contra o sistema escravista e formavam suas comunidades “livres”. Este debate acerca das comunidades quilombolas é de extrema importância porque o quilombo uma das mais antigas formas de representação da população negra, muito precisa ser conhecido e divulgado para que a sua visão seja ampliada e os estigmas combatidos.

Para discutir o território, numa perspectiva da geografia cultural, deve-se levar em consideração que uma das suas principais características é a ideia de pertencimento do indivíduo e, sobretudo, do grupo com seu espaço de vivência. Isto nos leva à proposição de que o território é constituído por identidades. Portanto, o caráter de território reflete o sentimento de pertencer a um espaço de vida e de concebê-lo enquanto o lugar das práticas o qual é consumado através do enraizamento de uma complexa trama social.

Portanto, entende-se aqui território como uma entidade espacial: um lugar de vida de uma comunidade minimamente coesa e que pode ser compreendido apenas em relação a este grupo social. As disputas por essa apropriação, pela definição dos elementos de coesão e unidade social, pela moldagem do espaço e sua extensão geram tensões inerentes à vida em sociedade.

Na concepção de Mello (2012) o território, de certa forma, supera os limites geográficos ocupados pelo grupo, expandindo-se a lugares onde as práticas necessárias para que a sua reprodução material seja possível.

Definida minimamente como o sentimento de fazer parte de uma entidade social e espacial, como sendo uma área mais ou menos circunscrita e gerenciada por determinado grupo social, a territorialidade contempla, pois, os modos de ação, comportamentos e mentalidades vinculados ao território. Isto é fundamental para os estudos dos quilombos do Brasil, cujo processo de apropriação do território foi (e ainda é) marcado por circunstâncias materiais e históricas.

Enfim, para a geografia, as comunidades remanescentes de quilombos somente podem ser entendidas a partir da terra que ocupam, do que produzem e, assim, a tornam especial como parâmetro de relação com o mundo.

Dos conceitos trabalhados pela geografia, o território se coloca no contexto ora apresentado, como um instrumento importante na análise das marcas da comunidade presentes no espaço, e também por mostrar as peculiaridades na distribuição espacial levando em consideração a composição étnica.

O conceito de território abarca um conteúdo bastante diversificado. Essa diversificação nos remete não só a sua complexidade, mas também a sua polissemia que ultrapassa os limites da geografia, sendo utilizado pelas ciências sociais como um

todo. A este respeito fica explícita, assim, a necessidade de lançar mão dessa categoria-chave a partir da geografia, e de sua construção, desenvolver a discussão da problemática (CARRIL, 2006).

Levando-se em consideração as dimensões continentais do Brasil e suas transformações ao longo da história da ocupação do espaço nacional, pode-se dizer que existem vários territórios e que cada um deles apresenta suas especificidades, não só de dimensão, mas também de conteúdo, e que é percebido de forma diferenciada pelos seus agentes. Devido à extensão e complexidade da ocupação, as desigualdades são visíveis e a maneira de ver o território varia desde as características naturais até as suas formas de uso, em diferentes escalas de análise. Portanto, há que se observar a dimensão local, sem esquecer as questões regionais e nacionais.

Essas constatações confirmam o que diz Cruz (2007) a respeito das especificidades de como as populações tradicionais se utilizam de seu território:

Essas populações passam a ser classificadas como tendo modos de vida “tradicionais”, por estarem pautadas em outras temporalidades históricas e configuradas em outras formas de territorialidades e ainda por terem modos de vida estruturados a partir de racionalidades econômicas e ambientais com saberes e fazeres diferenciados (CRUZ, 2007, p.94).

No processo de formação do território as pessoas que nele habitam adquirem a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas (ANDRADE,1995). A expressão territorialidade pode vir a ser encarada tanto como o que se encontra no território, estando sujeita à sua gestão, como, ao mesmo tempo, o processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar-se em uma comunidade (*Idem*).

Ainda sobre a formação do território, Santos *et al.* (1998) corrobora com a ideia de que este é produto das relações sociais. Esta afirmação pode ser complementada com o que diz Carril (2006), ao referir-se como modo de vida específico aos quilombos:

O território configurou-se materialização da etnia e do direito à terra, o que diz respeito à categoria identidade. Ou seja, a vivência em um local permite aos seus moradores uma ligação cultural e um sentimento de pertencimento a um grupo e a uma base física e simbólica (CARRIL,2006, p.24).

A partir das experiências do indivíduo com o meio pode-se chegar à conclusão que a identidade é um fator importante no sentido de aglutinar e mobilizar os envolvidos para a ação coletiva com o território. Portanto é importante procurar analisá-lo de forma que se leve em consideração também as relações de poder, como pondera Souza (2005), daí a importância do território e da territorialidade, ainda mais quando se pretende analisar um grupo social específico.

Nesta análise a abordagem etnogeográfica pode ser útil para o estudo da relação

entre o território e as pessoas que nele habitam como a essência da territorialidade. A relação território-identidade se torna tão intrínseca que ainda segundo Souza (2005) o grupo social não pode ser mais compreendido sem o seu território. Concordando com esta afirmação, Anjos (2006) faz algumas considerações que enfatizam o binômio território-identidade, quando diz que

O território é uma condição essencial porque define o grupo humano que o ocupa e justifica sua localização em determinado espaço. A terra, o terreiro, não significa apenas uma dimensão física, mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que tem os registros da história, da experiência pessoal e coletiva do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente (ANJOS 2006, p.49).

Esta indivisibilidade se mostra com tamanha particularidade quando é observada a dinâmica das populações nos seus respectivos territórios. Ainda sobre essa relação inseparável Korga (2003) faz uma reflexão quando diz que “há a necessidade de revalorizar o dado local e o cotidiano não somente como categoria filosófica e sociológica, mas como categoria geográfica e territorial” (KORGA, 2003).

Portanto este espaço se torna palco de múltiplas dimensões criadas por seus habitantes e que transformam o território, não (apenas) em propriedade, mas em símbolo de uma ideologia cultural manifestada nas mais diversas relações, sejam elas de caráter político, social, econômico ou cultural. E será o território que dará unidade a estas relações ao longo do tempo. Em suma, é plausível afirmar que a ligação com o passado nas terras quilombolas reside na manutenção de práticas de resistência e reprodução do seu modo de vida num determinado local onde prevalece a coletivização dos bens materiais e imateriais (PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, 2004).

Por ser a identidade um traço comum aos chamados “territórios étnicos”, a materialidade do território construído traduz as demandas históricas, sejam elas conflituosas ou não. Esses conflitos levam os territórios a um nível de exigência de organização e da necessidade da autoafirmação em todas as esferas: política, social, econômica e cultural.

A estas exigências enfrentadas pelos territórios étnicos, Hall (2006) nos chama atenção ao afirmar que as “velhas identidades”, que por um tempo estabilizaram o mundo social, estão entrando em declínio, fazendo surgir novas identidades, e que analisando por esta vertente chega-se a conclusão que há certa fragmentação do indivíduo que era visto até aqui como algo unificado. Por isso há uma fragilidade no debate de questões identitárias, uma vez que os referenciais antigos sofrem abalos.

No que diz respeito aos quilombos isto é patente quando se leva em consideração os “deslizamentos” identitários recentes, quando pessoas que antes “negavam” seu passado passam a reivindicá-lo. Na verdade, acredita-se que, atualmente, o que ocorre não é uma ruptura e sim uma forma de reformulação das identidades ou mesmo de certo tipo de abertura para tornar as identidades mais dinâmicas, ou seja, elas funcionam como uma

espécie de estratégia para manter a sobrevivência física, recriar suas divindades e manter vivos os seus mitos.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da análise conceitual da tríade: geografia, território e quilombos. Sendo a geografia a Ciência que dá suporte na análise do território como definidor da identidade dos quilombolas.

Mais uma vez é importante ressaltar a contribuição da geografia na apreciação do território enquanto parcela do espaço que é sinônimo de resistência e que enfrenta desafios atuais desenhados nos conflitos territoriais e dificuldades entrelaçadas historicamente. O debate acerca do tema comunidades remanescentes de quilombos, territórios quilombolas ou terras de pretos ganha força na conjuntura atual, principalmente no tocante do reconhecimento dos quilombolas enquanto sujeitos sociais e/ou políticos que buscam lutar pela permanência no território. O território ora analisado representa muito além do espaço físico, representa a memória dos indivíduos que reinventaram a identidade através da territorialidade.

A conquista do território para as comunidades quilombolas, de modo geral, tem como o primeiro passo a auto identificação enquanto quilombola e como etapas da regularização: a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), a análise e julgamento deste relatório, a delimitação dos limites do território e posteriormente a emissão do Título de propriedade coletiva para a comunidade (INCRA).

Passada essa primeira fase da luta pelo território é importante que os sujeitos que nele habitam se aproximem e tomem uma postura ativa diante da sua trajetória histórica. Talvez este seja o papel do pesquisador ou se constitui na sua maior contribuição: Promover a transformação social e que dessa forma seja valorizado o ser humano, abrindo um espaço para que o debate seja ampliado e que sejam reduzidas as características de dominação, herança do colonialismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Terras de preto, terras de santo e terras de índio: posse comunal e conflito**. Revista Humanidades, Brasília, UnB, n°15, 1988, p.42-48.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Questão do Território no Brasil**/ Manuel Correia de Andrade. 2ª edição- São Paulo- Recife: HUCITEC- IPESPE, 1995.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. Lourdes Carril. –São Paulo Annablume; Fepesp, 2006

CRUZ, Valter do Carmo. **Territorialidades, Identidades e lutas sociais na Amazônia**. In: ARAÚJO, Frederico G.B. de. & HAESBAERT, R. **Identidades e Territórios: Questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. Acess, 2007, p.93-122.

HALL.S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. Ed. – Rio de Janeiro: D.P &A,2006.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – Disponível em <<http://www.incra.gov.br>> Acesso em 15JUN2017.

KORGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**/ Dirce Korga. – São Paulo: Cortez, 2003.

MELLO, Marcelo Moura. **Reminiscência dos Quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural**/ Marcelo Moura Mello. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA. Disponível em:<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola> Acessado em 20jun2017.

SANTOS, Milton *et al.* **Território: globalização e fragmentação**. 4 ed. São Paulo: Editora HUCITEC/ ANPUR, 1998.332p. ISBN 8527102730: (broch).

SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Marcelo J. Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de *et al.* **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 